

Inteligência: a origem da inteligência humana está na habilidade manual?

por Paulo Faitanin – UFF



Scientific American Brasil n.º.37
Junho de 2005: **Evolução** -
A origem de nosso
entendimento.

1. Reportagem: A *Scientific American* publicou no N.º 37 de Junho de 2005 uma reportagem assinada por Gerhard Neuweiller com o título *A origem de nosso entendimento*: estudos cognitivos sugerem que a habilidade humana mais distintiva - a linguagem - pode ser um subproduto da refinada habilidade motora manual em primatas ancestrais, pp. 64-71.

2. Autor: Quem é Gerhard Neuweiller? É neurobiólogo. Foi professor de zoologia e anatomia comparada da Universidade Ludwig Maximilian, em Munique, até 2003. Suas áreas principais de pesquisa são a neurobiologia dos morcegos e a evolução do cérebro dos mamíferos e do homem.

3. Resumo: Segundo Gerhard não foi apenas o aumento da capacidade cognitiva, mas sobretudo o grande desenvolvimento de nossa inteligência motora que nos tornou humanos: ela possibilitou manipulações complexas e diversificadas, das quais se originou a linguagem. Além disso, destaca o autor da matéria que os elementos constitutivos essenciais dos algoritmos neuronais necessários já se encontram nos símios, mas só o cérebro humano é capaz de concatenar ações elementares em cadeias infinitamente diversificadas, de comprimento arbitrário e dirigi-las com alta precisão, p. 66. [Isso já não daria um bom argumento para dizer que há algo no ser humano para além dos neurônios que o diferencia dos símios?]



Gerhard
Neuweiller

3. Questão: A primeira consequência objetiva desta reportagem é a sustentação de que a inteligência humana do homem dos nossos dias é o efeito de uma complexa evolução da estrutura neural do cérebro que, por sua vez, assim evoluiu e se estruturou em razão da progressiva evolução da habilidade motora manual em primatas ancestrais. Mas por que só os homens desenvolveram tal habilidade e não os demais animais que supostamente descenderam destes primatas ancestrais, já que os elementos constitutivos

essenciais dos algoritmos neuronais necessários já se encontram nos símios, como o gorila, o chimpanzé e outros? O autor não oferece uma resposta, apenas afirma que "ainda não temos muitas informações precisas sobre neurônios-espelhos [classe de células] na área de Broca [centro da fala] dos seres humanos", p. 69.

4. Crítica: Gustavo Corção em *As Descontinuidades da Criação* [Rio de Janeiro: Permanência, 1992], embora com palavras duras, porém não menos oportunas, sublinhava que os evolucionistas *tiram o mais do menos* e promovem *um processo auto-criador* que torna sub-repticiamente aceitável a criação *ex nihilo* sem um Deus, desde que essa criação se torne infinitesimal e suficientemente lenta para que as inteligências tardas não percebam o mecanismo do absurdo, e fiquem, de tantos em tantos metros, ou de tantos e tantos séculos, diante de uma situação de fato. Sábias palavras.

5. Análise: Se a inteligência é o efeito da evolução dos neurônios do cérebro humano, isso significa que ela é a expressão de uma estrutura neural. Ora, se isso for verdadeiro, haveria de explicar toda atividade intelectual que transcendesse a qualquer órgão corporal, a partir do mecanismo de funcionamento desta estrutura neural. Mas isso não é possível, pois embora o cérebro registre todas as nossas decisões, desejos e pensamentos, não é ele mesmo a causa de tudo isso, senão o instrumento pelo qual se realiza o efeito de uma causa. Esta causa é a alma, cuja inteligência é uma operação. Nesse sentido, por maior que for o número de registros neurais na estrutura cerebral não se conseguirá nunca explicar o fenômeno da inteligência humana, o seu pensamento, somente a partir destes registros. Não há dúvidas de que a realidade humana corpo-alma interagem, embora sejam distintas e incompletas quando separadas. Por isso, apesar da inteligência ser a causa da operacionalidade do cérebro, ela sem o cérebro é inoperante, porque foram feitos para, no homem, atuarem juntos.

6. Conclusão: É compreensível que se reduza as atividades instintivas dos animais ao cérebro do animal, mas não é compreensível que se restrinja exclusivamente a capacidade de entender [inteligência], de querer [vontade] e de agir do homem ao cérebro do homem, pois o ser humano em seu entender, querer e agir é autônomo frente às suas inclinações instintivas [posso não comer com fome, pois sou livre para isso], frente às suas disposições bioquímicas [a acidez do estômago indica que estou com fome] e às suas estruturas neurais. Prova disso é que o homem pode pensar o contrário do que a estrutura neural do cérebro esteja por sua codificação



indicando o homem a entender, a querer e a agir. Posso não pensar em comida mesmo quando sinto fome, apesar de o todo biológico apontar para esta direção: mas, como sou capaz de fazer isso prescindindo do cérebro se, segundo Gerhard, é o próprio cérebro que justamente faz isso? Seria como se o cérebro preparasse-nos para comer e contrariasse esta preparação, vertendo meu pensamento para o não comer. Isso é contrariar o princípio da não contradição, ou seja, aquele que diz que ser e não ser não podem ser o mesmo sob o mesmo aspecto. Além disso, significa contrariar a natureza, outorgando-lhe um princípio de desordem, que efetivamente não lhe convém. Em síntese, jamais se decodificará o pensar e o querer humanos a partir das estruturas neurais do cérebro, porque se o efeito da ação da inteligência - o pensamento - é imaterial, é porque sua causa também o é. Embora interaja com o cérebro, este para ela é apenas um instrumento, enquanto ela mesma é a causa do pensamento e do falar.